

LUGAR COMO REUNIÃO: OS LUGARES-SAMBA PAULISTAS

Place as gathering: the Paulistas places-samba

Thiago Rodrigues Gonçalves¹

RESUMO

Propomos neste artigo, a partir da ideia de lugar como reunião, a importância de lugar para as manifestações culturais, nesse caso, considerando o samba paulista.

Palavras-chave: Lugar. Lugar-samba. Samba paulista.

ABSTRACT

We propose in this article, parting from the idea of place as reunion, the importance of place to cultural manifestations, considering in this case, the samba paulista.

Keywords: Place. Place-samba. Samba Paulista.

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, Unesp (Rio Claro).

✉ Avenida Mascarenhas de Moraes, 33, Vila Monte Alegre, Pedreira, SP. 13920-000. aldurin@gmail.com.



SENTIDO DE LUGAR, REUNIÃO E CULTURA

Tuan (2011, p. 5) afirma que “O lugar é um espaço estruturado”, buscando diferenciar espaço de lugar, em contraponto ao espaço abstratamente ordenado. Ao fazer tal afirmação, o autor está se referindo à distinção que a geografia humanista introduziu no debate sobre lugar. Sobremaneira após a entrada em cena das contribuições da filosofia fenomenológica, com aportes de filósofos como Merleau-Ponty, Heidegger e Husserl, durante os anos 1970, quando da renovação paradigmática da geografia como um todo (HOLZER, 2003).

Afirmar que o lugar é estruturado, significa compreendê-lo a partir da experiência humana do espaço primitivo, que confere importância e significado àquilo que o corpo e a consciência percebem como relevante (HOLZER, 2003; TUAN, 1975; 2011). Dessa forma opõem-se espaço – mesmo quando percebido no cotidiano da experiência – e lugar, enquanto âncora telúrica da existência.

A relevância dos estudos sobre lugar tornou-se significativa não apenas na geografia, mas em várias áreas do conhecimento que de uma forma ou de outra, a partir dos anos 1970, buscaram fazer frente àquilo que já se organizava como o processo de homogeneização globalizante (RELPH, 2012). Lugar passa então a ser compreendido não apenas como sinônimo de localização de sítios quaisquer, mas como continente das aspirações, anseios e desejos dos indivíduos e dos coletivos, aqueles que efetivamente os experienciam.

Os coletivos, ao elegerem seu lugar, não o fazem aleatoriamente. Uma vez que, como sucede individualmente, o lugar escolhido responde às demandas coletivamente acordadas. Nesse sentido, um dos aspectos de lugar elencados por Relph (2012) é o que compreende o **lugar como reunião**. Num entendimento que considera acima de tudo as possibilidades criadas especialmente no lugar.

Como indivíduos e membros de comunidades, nos conectamos com o mundo por meio de lugares que geralmente possuem nomes ou uma identidade específica. [...] Um lugar “reúne” ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, e o nome se refere a lugar de uma reunião específica e única. Qualquer parte sem nome que não reúna não é um lugar. Lugar (em oposição a **um lugar**) tem em si o conceito de especificidade e abertura, que acontece em virtude da reunião. (RELPH, 2012, p. 22)

Ao pensarmos o lugar associado à ideia de reunião, além de sua relevância para os coletivos – que significam o seu lugar –, importa compreender a maneira pela qual o lugar torna-se fator importantíssimo para as manifestações culturais. Ter o seu lugar, a sua “âncora geográfica” confere a indivíduos e a coletivos a segurança existencial de que falam Relph (1976) e Marandola Jr. (2012).

Com as manifestações culturais, como o samba paulista, configura-se um sentido de lugar (TUAN, 1975), conferido por tantos quantos sejam os sentidos propiciados pelas experiências dos indivíduos pelos quais o coletivo está composto. Lugar a partir do qual os coletivos se levantam, pés fincados, cabeça erguida, enunciando aquilo que lhes parece importante e definidor de identidades, afim de expressar aquilo que consideram ser sua herança, seu direito e sua busca; não um ponto qualquer, sinalizando apenas um sítio, mas lugar.

A realização da manifestação cultural (e identitária), no caso, o samba paulista, só pode se dar se há o lugar como reunião. A relação que se estabelece entre manifestação e lugar responde à necessidade do encontro. Desse fato tiramos que uma forma de conhecer e compreender esta manifestação cultural seria conhecer os lugares como reunião, os lugares-samba, esse “onde” o samba pode acontecer, pela reunião.

O SAMBA-PAULISTA

No caso do samba paulista, esse levantar-se, o erguer-se sobre o arcabouço identitário, está associado com algumas cidades e regiões do estado. Lugares que se diferenciam, especialmente, pela atualidade de suas reuniões.

A origem do samba de bumbo em São Paulo está em associação direta com a festa religiosa em homenagem ao Bom Jesus, na cidade de Pirapora do Bom Jesus (SP), hoje município pertencente à Região Metropolitana de São Paulo. É, portanto, um samba caipira, diferentemente dos sambas carioca ou baiano, ambos eminentemente urbanos. Seu lugar de reunião por excelência eram os barracões, afastados da cidade, onde se hospedavam os romeiros empobrecidos, em sua maioria negros, vindos de várias partes do estado (especialmente de Campinas, Piracicaba, Capivari, Jacareí, Tietê e Itu), além das comitivas de outros estados como as do sul de Minas Gerais, norte do Paraná e sul do Mato Grosso. Essa reunião teve seu auge entre os últimos anos do século XIX e início do século XX.

Aos folguedos religiosos em homenagem à figura santificada, encontrada por pescadores no rio Tietê no fim do século XVIII, somavam-se – ainda que apartados – os batuques nos dois barracões hospedeiros, distantes cerca de três quilômetros do santuário que fica, ainda hoje, às margens do rio. Lá, os grupos de romeiros pobres se reuniam para praticar o samba de bumbo ou samba lenço, que foram reunidos numa única expressão por Mário de Andrade (2005), em seus conhecidos trabalhos etnográficos, como “samba rural paulista”.

Esse samba, esse lugar, é considerado a principal vitrine do samba paulista, uma vez que se tratava da reunião mais frequentada por sambistas, onde grupos rivalizavam-se, aprendiam e mostravam-se aos demais (CUÍCA; DOMINGUES, 2009).

Em determinado momento, já nos primeiros anos do século XX, a Igreja Católica, mantenedora do Santuário do Bom Jesus, passa a olhar com menos apreço para a festa dos negros nos barracões (que, à época, superava em número de participantes e em quantidade de dias a celebração religiosa) e determina, em 1936, a interdição das duas estruturas “[...] por motivos de segurança” (CUÍCA; DOMINGUES, 2009). A partir daí, sem a garantia de hospedagem, os sambistas de outras cidades – “Itu, Tietê, Piracicaba, Jacareí, Campinas e São Paulo” (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 28) – passaram a diminuir a frequência de suas visitas, ainda que continuassem realizando-as (CUÍCA; DOMINGUES, 2009; VON SIMSON, 2007). A tradição da reunião e dos encontros vai, aos poucos, deixando de ser praticada. O caráter “profano” da festa diminui – somando-se a esse fato a mudança do foco das peregrinações para a cidade de Aparecida do Norte, no Vale do Paraíba paulista – levando consigo a memória do lugar, sinalizado, tristemente, pela demolição dos barracões na década de 1950; e o virtual fim da reunião.

Concomitantemente e como consequência direta, muitos dos festeiros de Pirapora buscaram manter a tradição do samba em seus lugares de origem, organizando, ao seu modo, reuniões onde o samba de bumbo paulista ainda era o protagonista, sem, contudo, encampar a peregrinação até o santuário.

Um desses festeiros foi Dionísio Barbosa, um batuqueiro dos sambas de Pirapora, nascido em Itirapina (SP), “filho de uma professora autodidata e de um diácono que também era músico amador” (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 41), que juntamente com seu irmão e sua esposa organizaram o primeiro cordão carnavalesco da cidade de São Paulo: o Grupo Carnavalesco da Barra Funda, que desfilou pela primeira vez no dia 12 de março de 1914 (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 41).

A organização do samba paulistano se deu, a princípio, por meio dos vários cordões carnavalescos que apareceram na cidade nos primeiros anos da década de 1920; cordões que eram, em essência, a antítese dos corsos: procissões carnavalescas organizadas e dominadas pelos clubes recreativos da população branca da cidade de São Paulo (VON SIMSON, 2007).

Quando os cordões carnavalescos já não frequentavam mais as festas de Pirapora, a reunião se dava nos “redutos espaciais negros” (VON SIMSON, 2007), representados, principalmente, pelos bairros paulistanos de população eminentemente negra: a Barra Funda, a Liberdade (em especial a Baixada do Glicério) e a Bela Vista (em especial o Bixiga). Esses bairros, desde períodos variáveis pré-abolição do regime escravocrata, concentravam a imensa maioria da (relativamente pequena) população negra em São Paulo, até o momento em que, por várias iniciativas, passaram integralmente a compor o núcleo central urbanizado da cidade (ROLNIK, 1986).

Nos “redutos” manteve-se viva a memória do samba, sendo praticado de maneira mais ou menos organizada em reuniões sociais, cordões e/ou clubes da sociedade negra de São Paulo, como o Grupo Carnavalesco da Barra Funda, de Dionísio Barbosa.

Os cordões contavam com a presença dos reinados ou cortes (a gente simples fantasiada de nobreza), dos balizas, responsáveis pela guarda dos estandartes, da ala dos instrumentos, com a presença marcante e pesada do bumbo (ou zabumba, herança do samba rural), mas também de instrumentos de sopro e de corda. Caminhavam pelas ruas dos bairros periféricos à época ao som de marchas sambadas ou dos sucessos do samba carioca, que dominavam as ondas do rádio.

Num segundo momento, quando a festa se vê rendida pela imposição, de cima para baixo, da sua oficialização, a partir de iniciativa do então prefeito José Vicente Faria Lima (1965-1969). Agora com hora e lugar

certo para acontecer, com a adoção do conjunto de regras dos desfiles de carnaval carioca, com a criação de agremiações carnavalescas, com a alteração rítmica e melódica da música (saem o bumbo, os sopros e as cordas; entram as cuícas, os tamborins, os surdos e os agogôs, tudo num ritmo muito mais acelerado), com o desaparecimento dos balizas e da corte: nascem as escolas de samba paulistanas. Algumas com um processo de metamorfose bem sucedido, como o Vai-Vai e o Camisa Verde – este último, herdeiro do Grupo da Barra Funda –, transformados em escolas de samba, ambos, em 1972 (VON SIMSON, 2007, p. 143). Outras que já nascem nos moldes de escola de samba, com direito a benção de agremiações cariocas, como a Nenê de Vila Matilde, apadrinhada pela Portela.

O samba paulista, de origem rural e matriz negra, praticado por todo o interior do estado, especialmente nos folguedos de Pirapora, foi pressionado pela Igreja ao desaparecimento por ter seu lugar transformado, destruído, a partir do momento que a identidade do samba como reunião, enfraquecida, praticamente morre (com raríssimas e honrosas exceções). Migrando do interior para a grande cidade, vê sua existência em primeiro lugar reprimida pelo Estado, por considerá-la sinônimo de “vagabundagem” e “banditismo” e, num segundo momento, condicionada, por esse mesmo Estado, através de subvenções e financiamentos (VON SIMSON, 2007), a existir sob uma forma que já não é a sua, em modelo copiado do samba urbano carioca, “carnavalizado” (DOZENA, 2011) e confinado a um estrito conjunto de regras e determinações.

O lugar como reunião para o samba foi fator crucial para a constituição do samba paulista, seja em seu momento rural, associado às festas de Pirapora, seja em seu momento urbano, ancorado em lugares específicos de São Paulo.

LUGARES-SAMBA

O samba, em todas as suas encarnações, é, por excelência, o acontecer da reunião para reafirmação de identidades coletivas. Em qualquer um dos cenários onde a presença negra – herança dos séculos de escravidão no Brasil – se faz sentir, a reunião para o samba não está apenas nas origens etimológicas do termo², mas no próprio ato.

No Recôncavo baiano ou na casa de Tia Ciata, no Rio de Janeiro, estar reunido tinha como motivação a manutenção de certa identidade, associada com um passado comum. Já em São Paulo, essas reuniões davam-se, a princípio, fora do espaço urbano, nas regiões rurais, onde a presença negra aparecia com mais força. As regiões agrícolas paulistas, não surpreendentemente, correspondem às regiões de florescimento do chamado samba rural (ou samba lenço, ou ainda, samba de bumbo).

Se os barracões em Pirapora do Bom Jesus transformaram-se, com o passar do tempo, na “vitrine” principal do samba paulista, essa condição só se fez possível a partir da relevância relativa assumida por esse lugar. Nossa análise, portanto, deve passar pela compreensão do lugar como continente das condições que permitem que ele acolha as manifestações atuais e passadas deste samba paulista.

Relph (2012) nos lembra que lugar ganhou importância como tema de estudo em diversas áreas do conhecimento, desde os anos 1970. Sua relevância para o entendimento de questões associadas

² Há quem defenda que, etimologicamente, “samba” é corruptela de “*semba*” (ALBIN, 2006; LOPES, 1999; 2004; VONSIMSOM, 2004), um vocábulo de origem africana, mais especificamente proveniente das línguas da família banta, faladas em Angola e no Congo (nomeadamente, o mbundo, como kimbundo e umbundo, e o kikongo, respectivamente), que parece ter significados diversos, desde “umbigada” até “derrubar”, mas convergem todos em um sentido semelhante que indica a união entre estilo musical, tipo de dança e, acima de tudo, prática de reunião com certa finalidade.

à identidade ganhou espaço especialmente na geografia, a partir do momento em que a disciplina passou a atentar para aspectos de lugar que transbordavam para além das noções neopositivistas, preocupadas com lugar apenas em uma de suas manifestações – lugar como localização.

Ao considerar a possibilidade do lugar como reunião, uma entre outras, Relph (2012) afirma que apesar de todas as divergências sobre lugar, desde suas definições até seu uso cotidiano nas línguas as mais diversas, em um ponto é possível algum consenso: “Como indivíduos e membros de comunidades, nos conectamos com o mundo por meio de lugares” (RELPH, 2012, p. 22).

A experiência de mundo está inextricavelmente associado ao encontro com o lugar. Segundo Holzer (2012, p.291), é a partir do corpo (da fixação de referências, distâncias e marcos) que se dá o encontro com o mundo e “uma vez apropriado pelo homem, [esse espaço primitivo; mundo] se torna lugar”. Quando, então, Relph (2012) reconhece em lugar a sua expressão para reunião, nos põe diante do “par essencialmente inseparável” (HOLZER, 2012, p. 290), mundo e lugar, sinalizando a reunião como aspecto essencial de existência – da geograficidade intrinsecamente parte da existência.

“Um lugar ‘reúne’ ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata” (RELPH, 2012, p. 22). A reunião como um modo pelo qual lugar e mundo se apresentam à experiência do ser cognoscente. Pensar lugar como reunião tem, então, a capacidade criadora de entendermos vida e existência a partir da afirmação de identidades individual e coletivamente significadas no lugar.

Lugar tem nome, história e densidade existencialmente conferidas. “Qualquer parte sem nome que não reúna não é um lugar” (RELPH, 2012, p. 22). O ato do encontro corresponde à necessidade existencial e social de perpetuar a identidade, desde a escala de uma cidade ou um

bairro, até a sala de jantar de uma casa onde certas tradições étnico-familiares são respeitadas. É nesse sentido que lugar é entendido na compreensão do **lugar-samba**. A reunião para o samba em sua dimensão geográfica, ao considerar que no encontro lugar e mundo o samba corresponde à força motriz que abastece a necessidade do encontro.

O samba, para acontecer, exige a presença e o encontro. E essa exigência, por sua vez, se dá no lugar. Não uma “parte” qualquer, sem nome, mas um lugar moldado pelo peso do tempo e da comunhão, que coadunam para lhe conferir as especificidades que permitem sua diferenciação.

Uma rua ou uma praça tornam-se lugar no momento em que reúnem. É através da reunião que acontece a instauração de lugar. A percepção de rua, praça ou cidade como algo coletivo só se dá a partir do encontro, da reunião. Passam, então, a compor a colcha de retalhos que forma a experiência daqueles que têm no samba um importante aspecto de sua formação identitária. Estar em pé no encontro de ruas que desembocam, sem querer, na porta da quadra do Vai-Vai não é surpresa nem é coincidência. Não se tratam de quaisquer ruas nem o prédio é um prédio qualquer. São o que a consciência percebe como “rua”, “quadra”, “esquina” porque são parte componente de uma experiência que é coletivamente significada, percebida e valorizada. No Bixiga, a tríplice esquina tem nome, tem peso e tem existência.

Nas palavras de Relph (2012, p. 22 – grifo do autor), “Lugar (em oposição a **um lugar**) tem em si o conceito de especificidade e abertura, que acontece em virtude da reunião”. A especificidade e a abertura do lugar como reunião para o samba se dá em função da necessidade do encontro. De forma que a colcha de retalhos dos lugares experienciados fica “salpicada” daquilo que chamamos lugares-samba.

Os lugares-samba seriam, então, o lugar por excelência da reunião para o samba. Lugares que convergem, nas experiências individuais

e coletivas, os sentidos e significados considerados fundamentais – porque valiosos no fluxo da experiência – para a comunidade das pessoas que tem no samba parte significativa de sua identidade, sua herança e de seu mundo. Com lugar-samba associamos o par essencial lugar-mundo na compreensão de que à manifestação cultural do samba – em especial, aqui, o samba paulista – corresponde à apropriação existencial e social de lugares que propõem àqueles que sambam o encontro e a reunião, significando e qualificando a experiência ela mesma, permitida pela reunião para o samba.

LUGAR COMO REUNIÃO: LUGARES DE MEMÓRIA?

A relação que buscamos estabelecer entre o samba paulista enquanto manifestação cultural e os lugares-samba visam a mostrar a relevância do lugar como reunião, tal como sugerido por Relph (2012). Associando o entendimento do lugar enquanto centro de significados (TUAN, 1975) e a especificidade e a abertura do lugar como reunião para o samba, mostramos que a intenção da perpetuação desse fator identitário traz em si uma dimensão eminentemente geográfica, que pode ser compreendida e vislumbrada se atentamos à experiência como fator significante do espaço primitivo, o transformando em componente da própria existência, tanto de indivíduos quanto de coletivos.

A investigação dos aspectos que associam o lugar e manifestação cultural nos leva, ao mesmo tempo, ao questionamento do papel do tempo na relação estabelecida. Não o tempo cronológico, mas aquele que Bachelard (2007) e Lowenthal (1975) vão chamar “tempo vivido”, representado, em nossas investigações, pela memória.

A memória, o passado no presente, marcado no lugar, na paisagem e nas experiências individuais, coopera para a manutenção da expressão atual do samba paulista?

O lugar quando reúne, não tem apenas o presente vivido como promotor de relações variadas com as consciências. O presente vivido, percebido através da reunião, guarda um contato direto com os outros tempos vividos. Na projeção de um futuro, em que a reunião, o lugar, a manifestação e a existência do coletivo permaneçam, mas, também, com o passado enquanto memória.

Quando sugerimos que os coletivos levantam-se a partir de seus lugares, quisemos mostrar a importância da âncora existencial para a continuidade da instauração de lugar e da permanência identitária que promove o encontro. Não podemos nos esquecer, no entanto, do papel do passado.

O passado vivido, a memória que coopera com a significação de lugar, transformando esquina, construção, rua, quadra em lugar-samba. Proporcionando as condições de reunião que, ato contínuo, significa lugar e relações sociais, criando assento para questões de existência e de identidade.

Buscar pela relevância da memória permite cavar ainda um pouco mais fundo em direção à essência da experiência dos lugares-samba paulista. Procurando pela relação que imaginamos existir entre o que é agora – a reunião, o encontro, a manutenção de traços identitários – e o que permanece sendo, num devir constante do passado enquanto o tempo vivido da memória. ☉

REFERÊNCIAS

ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Paracatu, 2006.

ANDRADE, Mário de. Samba rural paulista. In: CARNEIRO, E. **Antologia do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. (Trad. de Antonio de Padua Danesi.) Campinas: Versus Editora, 2007. 107p.

CUÍCA, Osvaldinha; DOMINGUES, André. **Batuqueiros da Paulicéia: enredo do samba de São Paulo**. São Paulo: Editora Barcarola, 2009. 186p.

DOZENA, Alessandro. **A geografia do samba na cidade de São Paulo**. São Paulo: Fundação PoliSaber, 2011. 264p.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Niterói, ano V, n. 10, p. 113-123, 2003.

_____. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia Fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 281-304.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1999. 260p.

_____. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Editora Selo Negro, 2004. 715p.

LOWENTHAL, David. **The Past Is a Foreign Country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 489p.

MARANDOLA JR., Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and placelessness, de Edward Relph, **Geosul**, Florianópolis, 2012. [No prelo.]

RELPH, Edward C. **Place and Placelessness**. Londres: Pion Limited, 1976. 156p.

_____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.

ROLNIK, Raquel. "Territórios negros em São Paulo: uma história", Folha de S. Paulo, *Folhetim*, 28/9/1986. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1986/09/28/348/4304571>>. Acesso em 26/03/2013.

Lugar como reunião: os lugares-samba paulistas
Thiago Rodrigues Gonçalves

TUAN, Yi-Fu. Place: An Experiential Perspective. **Geographical Review**, v. 65, n. 2, p. 151-165, abr. 1975.

_____. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, Niterói, v. 1, n. 1, Inverno, p. 4-15, 2011.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. O samba paulista e suas histórias: textos, depoimentos orais, músicas e imagens na reconstrução da

trajetória de uma manifestação da cultura popular paulista. **Saráo**, Campinas, v. 3, n. 2, 2004, p. 1-12.

_____. **Carnaval em Branco e Negro**: Carnaval popular paulistano: 1914-1988. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. 396p.

Submetido em Junho de 2013.

Revisado em Junho de 2014.

Aceito em Julho de 2014.